Data de submissão 30/10/2026

ARTE NA GESTALT-TERAPIA: CONTRIBUIÇÕES DO PROCESSO CRIATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO DO SER.

João Henrique Campos Fernandes[1]

Mariana Cela[2]

Karina Carvalho Veras Dantas[3]

RESUMO

Este trabalho investiga como a arte e a criatividade são incorporadas ao fazer da Gestalt-terapia. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, realizada por meio de revisão bibliográfica narrativa em livros, artigos científicos e produções acadêmicas, com consulta ao Google Acadêmico, à SciELO e à PePSIC. O estudo discute a criatividade como potencialidade humana, a partir de Zinker, e apresenta a origem e as características da Arteterapia Gestáltica, com base em Ciornai, considerando as contribuições de Naumburg, Kramer e Rhyne. Analisa também a relação entre arte e *awareness*, abordando os conceitos de experimento e contato e o papel do terapeuta na condução de experiências expressivas. Os resultados indicam que a arte pode favorecer a ampliação da *awareness* e a construção da relação terapêutica, ao permitir que o indivíduo observe suas próprias reações durante o processo criativo, sem a exigência de um produto final ou de interpretações previamente estabelecidas. Constatou-se ainda a escassez de produções brasileiras recentes sobre o tema, o que evidencia a necessidade de novas pesquisas. Conclui-se que a arte constitui um recurso adicional de intervenção, e não uma condição para o processo terapêutico, quando sustentada pelos princípios da Gestalt-terapia.

Palavras-chave: Gestalt-terapia. Arte. Criatividade. Arteterapia. *Awareness*.

[1] Acadêmico do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNI-RN

[2] Professor Orientador do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNI-RN

[3] Professor Co-orientador do Curso de Psicologia do Centro Universitário UNI-RN

1 INTRODUÇÃO

A arte pode assumir diferentes significados de acordo com a história, as experiências e as percepções de cada indivíduo, podendo constituir-se como forma de expressão, criação, comunicação e experimentação.

Na Gestalt-terapia, abordagem de base fenomenológica e existencial, o ser humano é compreendido a partir de sua relação dinâmica com o mundo e da maneira como estabelece no contato com o ambiente. Nesse contexto, a arte e os recursos expressivos podem favorecer experiências de criação e ampliação da *awareness*, compreendida como a capacidade de perceber-se em relação às próprias sensações, sentimentos, pensamentos e ações no aqui-e-agora (Perls; Hefferline; Goodman, 1951). O processo criativo possibilita, não apenas a tomada de consciência de experiências com o contato do ambiente, mas também sua manifestação por meio de formas, movimentos, imagens e outras produções.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em entender como a arte e a criatividade são incorporadas ao fazer da Gestalt-terapia. Como objetivos específicos, busca-se compreender os fundamentos da abordagem relacionados ao uso de recursos expressivos e da criatividade, contextualizar a origem e as características da Arteterapia na perspectiva gestáltica, e discutir as contribuições da arte para a construção da relação terapêutica e para o desenvolvimento da *awareness*.

Este estudo mostra-se relevante diante da necessidade de observar e compreender práticas terapêuticas que pautem a criatividade e que enxerguem o indivíduo como um ser integral e de constante movimento, buscando discutir as contribuições da arte para o fazer terapêutico da Gestalt-terapia, considerando o processo criativo como possibilidade de expressão e contato com a experiência vivida.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva, desenvolvida por meio de revisão bibliográfica narrativa. Optou-se por esse tipo de revisão por permitir uma discussão ampla e interpretativa sobre a relação entre arte, criatividade e Gestalt-terapia, articulando obras clássicas e produções contemporâneas, sem a pretensão de esgotar a literatura sobre o tema, como ocorre nas revisões sistemáticas. Ainda, foram adotados critérios de seleção, a fim de conferir transparência ao processo e delimitar o material analisado.

O levantamento foi realizado entre abril de 2026 e novembro do mesmo ano, nas bases Google Acadêmico, SciELO e PePSIC, além de obras clássicas da abordagem gestáltica e da arteterapia. Utilizando descritores como "Gestalt-terapia", "arte", "criatividade", "arteterapia", "*awareness*".

Foram incluídos livros, capítulos, artigos científicos periódicos, trabalhos acadêmicos e produções institucionais disponíveis na íntegra, publicados em língua portuguesa, que abordassem a relação entre arte e processo terapêutico, com ênfase na Gestalt-terapia e contribuíssem para a compreensão da criatividade, *awareness*, contato, experimento ou da origem da Arteterapia. Incluíram-se também obras de autores de áreas afins, como a arte-educação, indispensáveis para a compreensão do desenvolvimento histórico e social da Arteterapia. Como critério de exclusão, foram desconsideradas pesquisas não disponíveis na íntegra, produzidas por profissionais que não integravam a relação da arte com o fazer terapêutico.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 ARTE E CRIATIVIDADE

Para compreender as relações entre Gestalt-terapia e arte, é fundamental refletir inicialmente sobre a criatividade e sua manifestação nos processos de criação. Joseph Zinker (2007), ao abordar o tema, apresenta a criatividade como uma possibilidade de experimentar o novo, arriscar-se ao ridículo e atribuir novos sentidos às experiências cotidianas. Compreendendo-a como uma celebração da

vida, uma demonstração de amor a si próprio, um ato de escolha cujo resultado não se sabe antes de ser posto ao mundo, mas que dá ao ser humano a capacidade de se desautomatizar. Para além de sua dimensão estética, a criatividade pode ser entendida como parte essencial da potência humana que permite ao indivíduo experimentar diferentes maneiras de existir, agir e se relacionar com o mundo.

Zinker (2007) também associa a criatividade a uma dimensão de transcendência, na qual o indivíduo se apropria de sua própria experiência e assume o protagonismo de suas escolhas:

> “A criatividade é a expressão da presença de Deus em minhas mãos, em meus olhos, em meu cérebro - em tudo que sou. A criação é a afirmação da divindade de cada um, de sua transcendência para além da diária por sobrevivência e do fardo da mortalidade, um clamor de angústia e celebração.” (Zinker, 2007, p. 15).

Embora o autor recorra a uma linguagem espiritual, essa dimensão pode ser compreendida, no contexto da Gestalt-terapia, como um contato mais pleno com a própria existência.

Nesse sentido, o artista, entendido como qualquer indivíduo que produz arte, utiliza sua capacidade criativa para materializar suas experiências, percepções e sentimentos por meio de diferentes linguagens expressivas. Entretanto, a criatividade não se restringe à produção artística, uma vez que também permeia as relações humanas e, consequentemente, o processo terapêutico. Na Gestalt-terapia, essa potencialidade se manifesta na abertura para novas experiências, questionamentos e possibilidades de contato, permitindo que terapeuta e cliente construam em conjunto caminhos inéditos de produção de sentido à vida.

Compreende a Gestalt-terapia como uma abordagem que permite ao indivíduo ser criativo, considerando a mudança como um elemento primordial para a existência do processo criativo:

> “O ‘*sine qua non*’ do processo criativo é a mudança: a conversão de uma forma em outra, de um símbolo num insight, de um gesto num novo conjunto de condutas, de um sonho num desempenho emocionante.” (Zinker, 2007, p. 17).

A partir dessa interpretação, a criatividade não representa apenas a capacidade de produzir algo novo, mas também a possibilidade de transformar a maneira como determinada experiência é percebida e vivenciada. Dessa forma, o processo criativo pode ser compreendido como um movimento de transformação da experiência, no qual o indivíduo encontra possibilidades de reorganizar suas percepções e estabelecer novas formas de relação consigo mesmo e com o ambiente.

Ao considerar a utilização da arte no contexto terapêutico, torna-se igualmente importante refletir sobre o papel do psicólogo na condução das experiências expressivas. Na perspectiva gestáltica, o profissional não deve estabelecer previamente significados para as produções artísticas, tampouco esperar resultados específicos ou avaliar sua qualidade estética. Sua atuação deve favorecer um ambiente de acolhimento e experimentação, no qual o cliente tenha liberdade para produzir, explorar e entrar em contato com o que emerge durante o processo e depois dele.

Essa postura exige que o terapeuta suspenda julgamentos e interpretações antecipadas, respeitando a singularidade da experiência apresentada pelo indivíduo. Afinal, uma mesma produção artística pode assumir diferentes significados, inclusive para quem a criou, dependendo do momento vivido e das relações estabelecidas com o ambiente. Nesse sentido, Zinker (2007, p. 35) destaca que o amor pelo outro deve estar fundamentado na aceitação de quem ele é no presente, e não em expectativas ou idealizações sobre aquilo que poderá vir a ser.

A reflexão do autor evidencia a importância do terapeuta direcionar sua atenção à pessoa que se apresenta no momento presente, em vez de projetar expectativas sobre aquilo que ela poderá vir a ser. Assim, o fazer artístico não deve ser conduzido a partir de um modelo de resultado esperado, mas como uma

possibilidade de acompanhar o indivíduo em suas manifestações, respeitando seu ritmo e suas formas particulares de expressão.

Essa relação entre arte e prática terapêutica também é apresentada por Laura Perls, conforme citado por Lima (2009, p. 5-6):

> “A terapia também é uma arte. Tem mais a ver com a arte do que com a ciência. Requer muita intuição e sensibilidade e uma visão geral... Ser artista supõe funcionar de uma maneira holística, e ser um bom terapeuta supõe o mesmo”.

A partir dessa perspectiva, observa-se uma aproximação entre o fazer artístico e a atuação clínica, especialmente no que diz respeito à sensibilidade, à percepção do todo e à abertura para aquilo que se manifesta durante a experiência. Tanto o artista quanto o terapeuta precisam estar atentos ao processo, considerando os elementos que surgem nas relações e as possibilidades que se constroem a partir deles.

Portanto, a criatividade na Gestalt-terapia não se limita à utilização de materiais artísticos ou à realização de atividades expressivas. Ela também se manifesta na própria relação terapêutica, na disponibilidade para experimentar outras formas de contato e na construção de possibilidades que respeitem a singularidade de cada indivíduo.

3.2 ARTETERAPIA GESTÁLTICA

Para compreender a criatividade como uma potencialidade humana e a arte como uma possibilidade de expressão e experimentação, torna-se necessário conhecer a Arteterapia Gestáltica e os caminhos que contribuíram para a sua construção. Embora a utilização de recursos expressivos possa integrar o fazer clínico da Gestalt-terapia sem constituir necessariamente o instrumento central da intervenção, a Arteterapia Gestáltica apresenta uma proposta na qual o processo artístico ocupa lugar de destaque na experiência terapêutica.

Nessa perspectiva, é importante considerar as diferentes contribuições históricas que influenciaram a construção da Arteterapia Gestáltica. Conforme apresentado por Selma Ciornai (2004), em **Percursos em Arteterapia**, o desenvolvimento desse campo recebeu influências de diferentes vertentes da Psicologia e de experiências relacionadas à arte-educação. Nesse contexto, o fazer artístico passou a ser reconhecido não apenas por suas possibilidades pedagógicas, mas também por sua capacidade de favorecer a expressão e a elaboração de experiências subjetivas.

Entre as contribuições pioneiras para a consolidação da Arteterapia nos Estados Unidos da América, destacam-se as propostas de Margaret Naumburg, Edith Kramer e Janie Rhyne, cujas perspectivas apresentam diferentes compreensões sobre a relação entre arte e processo terapêutico.

Margaret Naumburg, inicialmente vinculada à educação e posteriormente influenciada pela Psicanálise, desenvolveu uma proposta conhecida como “arte em terapia”. Em sua perspectiva, as produções artísticas poderiam favorecer a expressão de conteúdos inconscientes, funcionando como uma possibilidade de comunicação simbólica do indivíduo. A partir dessa compreensão, o terapeuta buscava auxiliar o cliente na exploração dos significados presentes em suas produções, considerando a expressão artística como um caminho de acesso a aspectos de sua experiência subjetiva.

Edith Kramer, por sua vez, desenvolveu uma perspectiva denominada “arte como terapia”, na qual o próprio processo de criação artística assumia uma função terapêutica. Influenciada pela Psicanálise, Kramer enfatizava a importância do fazer artístico para o desenvolvimento emocional, o fortalecimento do ego e os processos de sublimação. Diferentemente da proposta de Naumburg, sua abordagem atribuía maior destaque à experiência de criar do que à interpretação dos conteúdos representados na produção final.

Embora ambas apresentassem influências psicanalíticas, suas propostas contribuíram para ampliar a compreensão sobre as possibilidades terapêuticas da arte. Enquanto Naumburg valorizava a produção artística como meio de expressão e

acesso a conteúdos subjetivos, Kramer reconhecia o próprio processo de criação como elemento central da experiência terapêutica.

Posteriormente, Janie Rhyne apresentou uma terceira perspectiva, denominada “arte como e em terapia”, estabelecendo aproximações entre a utilização da arte e os fundamentos da Gestalt-terapia. Sua proposta valorizava a experiência artística em sua totalidade, considerando tanto o processo de criação quanto as percepções e os significados que poderiam emergir durante e após sua realização. Nessa perspectiva, o terapeuta assume uma postura de acompanhamento e facilitação da experiência, construindo possibilidades de reflexão junto ao cliente, em vez de estabelecer interpretações sobre suas produções.

O contato de Janie Rhyne com Fritz Perls e sua aproximação com os pressupostos da Gestalt-terapia contribuíram para o desenvolvimento dessa proposta. A autora publicou, em 1973, a obra **The Gestalt Art Experience,** posteriormente relacionada à difusão de suas contribuições para a Arteterapia Gestáltica. Sua metodologia influenciou outros profissionais e estudiosos do campo, entre eles Selma Ciornai, que contribuiu para a disseminação e o desenvolvimento dessa perspectiva no Brasil.

A partir da experiência de Ciornai (2004), é possível compreender que a Arteterapia Gestáltica não se limita à utilização de materiais artísticos como instrumentos de intervenção. Sua fundamentação está relacionada à valorização da experiência presente, à expressão da singularidade e à possibilidade de o indivíduo entrar em contato com aquilo que emerge durante o processo criativo.

Essa compreensão também permite estabelecer uma distinção importante entre a utilização de recursos expressivos na Gestalt-terapia e a Arteterapia Gestáltica propriamente dita. Enquanto a primeira pode incorporar a arte como uma das diversas possibilidades de experimentação no processo clínico, a segunda apresenta o fazer artístico como elemento estruturante de sua proposta terapêutica.

Outro aspecto relevante dessa perspectiva diz respeito à compreensão fenomenológico-existencial do indivíduo. Nessa concepção, a experiência humana não deve ser reduzida a significados previamente estabelecidos, uma vez que os sentidos se constituem nas relações que o indivíduo estabelece com o mundo. Da mesma maneira, uma produção artística não deve ser compreendida a partir de uma interpretação universal ou de um significado fixo, pois sua experiência envolve a singularidade de quem a produz e as relações que estabelece com aquilo que foi criado.

A produção artística pode assumir diferentes significados ao longo do tempo, inclusive para o próprio indivíduo que a realizou. Não cabe ao terapeuta determinar antecipadamente o que uma imagem, um desenho ou qualquer outra manifestação expressiva representa, mas acompanhar a experiência e favorecer a exploração dos sentidos que podem surgir a partir dela.

Nesse sentido, retoma-se a reflexão de Zinker (2007, p. 35) acerca do ato de amar as imagens futuras do outro. A afirmação reforça a importância de considerar o indivíduo em sua experiência atual, sem submetê-lo a expectativas ou interpretações que desconsiderem sua singularidade. Desse modo, a Arteterapia Gestáltica se encontra na valorização do processo, e não na busca por um resultado previamente determinado, um de seus aspectos fundamentais.

3.3 ARTE E AWARENESS

A *awareness* constitui um dos conceitos fundamentais da Gestalt-terapia e está relacionada à capacidade de perceber o que acontece consigo mesmo e com o ambiente no momento presente, envolvendo aspectos corporais, emocionais e cognitivos (Perls; Hefferline; Goodman, 1951). A partir dessa compreensão, torna-se possível discutir de que maneira a arte pode contribuir para a ampliação da percepção do indivíduo sobre suas experiências e sobre as relações que estabelece com o mundo.

A aproximação entre arte e Gestalt-terapia também pode ser observada nas trajetórias de seus principais formuladores. Fritz Perls possuía envolvimento com

diferentes manifestações artísticas, produzia poesias e frequentava teatros, Laura Perls mantinha uma relação próxima com a música e Paul Goodman desenvolveu trabalhos como escritor, poeta e ensaísta. Essas aproximações com a arte integram o contexto das experiências e influências que atravessaram a construção da abordagem, conforme discutido por Alvim (2007).

A partir desse contexto, é possível compreender que a arte e a sensibilidade diante das experiências humanas encontram pontos de aproximação com os fundamentos da Gestalt-terapia. A abordagem, sustentada por perspectivas fenomenológicas e existenciais, valoriza a experiência concreta e os fenômenos que se apresentam no campo organismo-ambiente. Nessa perspectiva, falar sobre arte também implica reconhecer suas diferentes formas de expressão materializadas no mundo, presentes no cinema, na música, no teatro, na poesia, nos livros, nos jogos, nas danças, nos desenhos, na fotografia, nos contos e em tantas outras manifestações capazes de despertar sentimentos e comunicar aspectos da experiência que nem sempre encontram espaço na linguagem verbal. Como destaca Laura Perls (apud Lima, 2009, p. 5-6), a arte possui a capacidade de tocar a experiência humana de maneira singular, alcançando dimensões que não podem ser inteiramente traduzidas por explicações científicas. Nesse sentido, a arte pode ser compreendida como uma manifestação que se constitui na relação entre o indivíduo e o ambiente, tornando-se uma possibilidade de expressão e contato com aspectos de sua experiência.

Percebe-se que a experiência artística pode favorecer a ampliação da *awareness* justamente por possibilitar que o indivíduo direcione sua atenção para aspectos de si que se manifestam durante o fazer, muitas vezes de maneira diferente daquela encontrada em sua comunicação habitual.

Outro conceito importante para essa discussão é a experimentação, compreendida na Gestalt-terapia como uma possibilidade de vivenciar algo novo, a partir de ideias criativas que se manifestam durante a terapia, afastando-se temporariamente de padrões habituais de comportamento e percepção. O experimento permite que o indivíduo entre em contato com suas próprias respostas

diante de determinada situação, observando o que sente, pensa e realiza durante a experiência.

Nesse contexto, a utilização de recursos artísticos pode funcionar como uma possibilidade de experimentação dentro do processo terapêutico. Ao desenhar, pintar, modelar, escrever ou explorar outras formas de expressão, o indivíduo tem a oportunidade de vivenciar diferentes maneiras de manifestar sua experiência, sem que exista necessariamente a exigência de um produto final ou de um resultado esteticamente satisfatório.

Zinker (2007, p. 30), ao abordar a função do experimento, destaca que ele possibilita ao indivíduo entrar em contato com diferentes aspectos de si mesmo, podendo partir de brincadeiras e experiências espontâneas, sem depender de conceitos previamente estabelecidos. Essa compreensão aproxima o experimento do fazer artístico, uma vez que ambos podem favorecer a abertura para o novo e a descoberta de possibilidades que ainda não haviam sido exploradas.

Desse modo, a arte pode contribuir para a ampliação da *awareness* ao oferecer situações nas quais o indivíduo observa suas próprias reações durante a criação. A atenção pode se voltar para as sensações corporais, como o toque da mão em um pincel, a vibração da voz em um canto ou até o cansaço dos músculos em uma dança; os sentimentos despertados, como a alegria, a angústia, raiva, paixão, medo, bem como as possíveis combinações dessas sensações dentre tantas outras possíveis; as dificuldades encontradas e as percepções que surgem ao longo do processo. O mais importante, nesse caso, não é determinar o que a produção representa, mas possibilitar que o indivíduo perceba como vivencia a experiência de produzi-la.

Além da experimentação, o contato também ocupa lugar central nessa discussão. Na Gestalt-terapia, o contato está relacionado à maneira como o indivíduo estabelece relações com o ambiente. Não se restringe à dimensão física, mas abrange a presença e a disponibilidade para encontrar aquilo que se apresenta na relação com o mundo.

No contexto terapêutico, o contato também se manifesta na relação estabelecida entre psicólogo e cliente, que exige presença, disponibilidade e abertura para a experiência compartilhada. Zinker (2007) destaca a importância de amar o cliente na relação terapêutica, compreendendo esse amor como uma forma de olhar para o outro com a mesma admiração com que se contempla o pôr do sol, trata-se de não buscar defeitos que precisem ser corrigidos para torná-lo funcional, mas de reconhecer e admirar sua existência em sua totalidade. Essa valorização do outro, expressa na disposição de atribuir importância ao que é dito e ouví-lo verdadeiramente, traduz-se em presença. Assim, a relação não deve ser conduzida a partir de uma posição de superioridade do terapeuta, mas por meio de uma postura horizontal que reconheça a participação de ambos no encontro, respeitando suas diferenças e a singularidade do cliente.

A arte pode integrar esse processo ao proporcionar uma forma de contato entre o indivíduo, sua produção e o ambiente. Ao materializar uma experiência por meio de uma linguagem expressiva, o indivíduo estabelece uma relação com aquilo que criou, podendo observar, reconhecer e explorar os sentidos que surgem desse encontro. A produção artística, nesse sentido, não representa uma realidade isolada do indivíduo, mas uma manifestação que adquire sentido nas relações em que está inserida. Dessa forma, buscar controle sobre os sentimentos que devem emergir de uma obra é negar o valor potencial que a arte tem de proporcionar diferentes sensações de uma mesma construção artística.

É importante destacar, entretanto, que a experiência artística não é necessariamente agradável ou terapêutica em todos os momentos. O processo de criação pode despertar angústias, frustrações, desconfortos e sentimentos difíceis de elaborar. Isso não significa que a experiência tenha perdido sua relevância, pois o contato com essas manifestações também pode constituir uma possibilidade de *awareness*, desde que exista acolhimento e acompanhamento adequados no processo terapêutico. Assim, a dimensão terapêutica da arte não está condicionada à produção de sentimentos positivos, mas à possibilidade de o indivíduo entrar em contato com aquilo que vivencia, reconhecendo suas sensações e explorando os significados que emergem da experiência.

Retomando o conceito de *awareness,* compreende-se que sua ampliação envolve a percepção do que acontece dentro e fora do indivíduo no momento presente. A arte pode contribuir para esse processo ao proporcionar uma experiência concreta na qual sensações, emoções, pensamentos e movimentos encontram diferentes possibilidades de manifestação.

Quando cria, o indivíduo estabelece uma relação entre sua experiência interna e o ambiente, materializando algo que passa a existir no mundo e que pode ser observado e vivenciado. Entretanto, não é possível determinar previamente quais significados essa produção terá, nem mesmo para quem a realizou, pois a experiência permanece vinculada à singularidade de cada indivíduo e ao contexto em que se desenvolve. Nesse sentido, Zinker (2007, p. 31-32) compreende a criatividade como uma forma de abraçar a vida em sua totalidade, experimentando seus diferentes gostos. Essa compreensão permite reconhecer o fazer artístico não apenas como um ato de criação, mas como uma oportunidade de vivenciar a própria existência de maneira mais ampla e consciente.

Quando um indivíduo cria, ele dá a oportunidade do mundo interpretar e sentir o que foi criado de formas livres e subjetivas, gera então um encadeamento de mudanças e movimentos à vida de quem se deixa entrar em contato com o que foi criado. O papel da arte é o de provocar mudanças, sentimentos e reflexões que gerem movimento a quem se envolve com ela. Quando se reflete a arte em terapia, percebe-se que a própria busca por terapia é acompanhada por um movimento que deseja mudança, essa que nem sempre significa se aventurar em novidades, mas simboliza o desejo à vida, a arte então se representa como um recurso capaz de gerar vida, mas que sempre dependerá do contato de um ser para se concretizar e gerar mudanças.

Dessa forma, ao favorecer a percepção daquilo que emerge durante o processo artístico, o terapeuta pode contribuir para que o cliente reconheça suas próprias manifestações e amplie sua *awareness*, considerando sua experiência corporal, emocional e cognitiva no aqui-e-agora.

4 CONCLUSÃO

A arte pode constituir importante recurso no fazer terapêutico na perspectiva da gestalt-terapia, por possibilitar ao indivíduo experimentar diferentes formas de expressão, criação, contato consigo e com o mundo. O processo criativo valoriza a singularidade e a potencialidade do indivíduo, favorecendo experiências de *awareness* e novas possibilidades de significação.

Dessa forma, a utilização de recursos artísticos, quando sustentada pelos princípios da Gestalt-terapia, pode ampliar as possibilidades de intervenção e contribuir para uma prática clínica sensível à experiência humana. Isso não significa compreender o processo terapêutico como dependente da utilização da arte, mas reconhecê-la como uma possibilidade adicional de intervenção, valorizando seu potencial e integrando a criatividade como um recurso capaz de favorecer mudanças e movimentos ao longo do processo terapêutico.

De maneira geral, as produções consultadas apresentam diferentes possibilidades de compreender a presença da arte no campo psicológico. Enquanto algumas concentram suas discussões no desenvolvimento histórico da Arteterapia e nas diferentes concepções sobre a utilização de recursos expressivos, outras ampliam o debate para a criatividade, a experiência subjetiva e as possibilidades de transformação presentes no fazer terapêutico.

A partir dessas contribuições, percebe-se que, embora a relação entre arte e Gestalt-terapia seja uma temática desenvolvida ao longo dos anos e permaneça atual, ainda existe uma necessidade de ampliação das pesquisas sobre o assunto. Durante a elaboração deste trabalho, observou-se certa dificuldade em localizar produções científicas mais recentes, sobretudo publicadas no Brasil a partir da década de 2020. Apesar disso, foi possível estabelecer relações entre as diferentes perspectivas apresentadas pelos autores consultados, identificando contribuições que se complementam e enriquecem a discussão, seja a partir da Arteterapia, da criatividade ou da compreensão da arte como manifestação da experiência humana.

Nesse sentido, não se trata de identificar lacunas ou desconsiderar as contribuições já existentes, mas de reconhecer que a temática ainda oferece possibilidades de investigação e aprofundamento. As produções analisadas foram fundamentais para a construção deste estudo e para o desenvolvimento de uma compreensão mais ampla sobre as relações entre arte e Psicologia, especialmente no contexto da Gestalt-terapia. Entretanto, evidencia-se a importância de novas pesquisas que contribuam para disseminar e ampliar as possibilidades de utilização de recursos criativos na prática terapêutica.

Além disso, a partir das discussões desenvolvidas, identificam-se oportunidades para pesquisas futuras que investiguem manifestações artísticas específicas e suas possíveis contribuições para o processo terapêutico, como o desenho, a pintura, a fotografia, a dança, entre outras formas de expressão. Investigações dessa natureza podem favorecer uma compreensão mais aprofundada das particularidades de cada linguagem artística e das experiências que podem emergir a partir de sua utilização no contexto clínico.

Nenhuma arte pode existir sem influência do ambiente a qual ela se insere. Quando se produz arte, uma criação é feita de dentro para fora do indivíduo, o que transforma essa criação em arte é o seu contato e materialização no mundo, nem que seja de si para si mesmo.

Uma produção artística nem sempre será terapêutica, ela pode frustrar, angustiar, doer e desestimular qualquer pessoa, o que a torna terapêutica é a forma a qual se enxerga o que é sentido a partir desse fenômeno. O papel do terapeuta é olhar para esse fenômeno artístico e dizer “eu posso fazer uma ponte para que essa pessoa se permita passar por ela e sinta seus passos durante o caminho”.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLA, C. J. S. **A arteterapia como instrumento do psicólogo na clínica**. *ID on line Revista de Psicologia*, 2017.

CARUSO, Lara M. **Gestalt-terapia: o ofício da arte**. *IGT na Rede*, Rio de Janeiro, 2019.

CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em arteterapia.** São Paulo: Summus, 2004. v. 1. LOIOLA, R. de S.;

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do psicólogo.** Florianópolis: Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina (CESUSC), 2014.

SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de; DUGNANI, Lilian Aparecida Cruz; REIS, Elaine de Cássia Gonçalves dos. **Psicologia da arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2018.

ZINKER, Joseph C. **Processo criativo em Gestalt-terapia.** 2. ed. São Paulo: Summus, 2007.